

O tropicalismo espiritual do candomblé

O TURISMO, A MODA, A PARADA DE SUCESSOS E OUTROS MALES QUE AMEAÇAM OS ORIXÁS



Mãe Menininha: a certeza do fim



Olga de Alaketu: no meio-termo

Jesus Cristo, Iemanjá (deusa das águas), Omulu (deus da bexiga) e John Kennedy, em quadros ou tapeçarias, enfeitam as paredes do quarto de Mãe Menininha, a mais antiga mãe-de-santo da Bahia. À sua procura, no alto da colina que pertencia à família Gantois, num bairro afastado de Salvador, costumam aparecer artistas de telenovela, que ela tanto admira, além dos freqüentadores célebres de quase todos os dias, como Dorival Caymmi, Jorge Amado e Caetano Veloso.

Mas apesar da celebridade e dos bons ventos da moda, que recentemente chegaram a níveis inéditos e fizeram dela um personagem nacionalmente popular, Mãe Menininha do Gantois, ou Maria Escolástica da Conceição Nazaré, 80 anos, sente que se aproxima o fim do candomblé, a seita em que ela hoje se destaca como sacerdotisa suprema. Não se entristece, porém: "É a coisa mais certa da vida. Quando as pessoas se desenvolvem, deixam de lado as religiões".

Em 52 anos de sedentária vida religiosa, sem sair de casa, acumulando experiência e peso (mais de 100 quilos), a venerada Iyalorixá aprendeu que nada evitará esse desfecho. Recebeu o terreiro de sua mãe e talvez não venha a passá-lo para qualquer de suas duas filhas, a funcionária pública Carmem e a obstetra Cleusa. Nos demais terreiros baianos, repete-se o mesmo impasse sucessório e a mesma certeza de que as novas gerações já não guardam tanto apego aos ritos e segredos do candomblé.

Artigo escasso — De resto, este será apenas mais um sacrifício que a Bahia oferecerá aos deuses do turismo, progressivamente cultuados desde o asfaltamento da Rio—Bahia, em 1963. De lá para cá, a capoeira acabou. Era uma brincadeira de fim de semana; transformou-se, agora, numa versão brasileira do judô ou do caratê, ensinada em aca-

demias e apresentada, profissionalmente, em shows de folclore. Igual destino sofreu o samba-de-roda, antes uma diversão e hoje um quadro estilizado de acordo com o gosto das platéias.

A própria fisionomia de Salvador está diferente, numa perene metamorfose operada por viadutos, vias expressas e novos edifícios. Os sobrados e ruelas se restringem àquelas áreas desejadas pelos turistas, como o Pelourinho. E neste mês de março, final de temporada, mesmo o bom humor do baiano se torna um artigo escasso: ninguém se esforça por esconder o cansaço, a irritação, a vontade geral de volta aos dias calmos, às praias vazias.

Pelo capricho — Se ainda restam alguns focos de seriedade e autenticidade ao candomblé, a explicação se acha nos mecanismos de defesa criados nos tempos adversos de perseguição policial e clandestinidade, encerrados com a liberalização geral do pós-guerra, em 1945. Até então, os terreiros eram freqüentemente invadidos. Pais e mães-de-santo passavam semanas inteiras na cadeia. Os lugares e objetos sagrados nunca estavam a salvo. Em compensação, os rituais conservavam-se puros: pouquíssima gente estranha se arriscava a visitar um terreiro e não havia, assim, adaptações ou distorções para satisfazer às normas de boa conduta exigida pelos turistas.

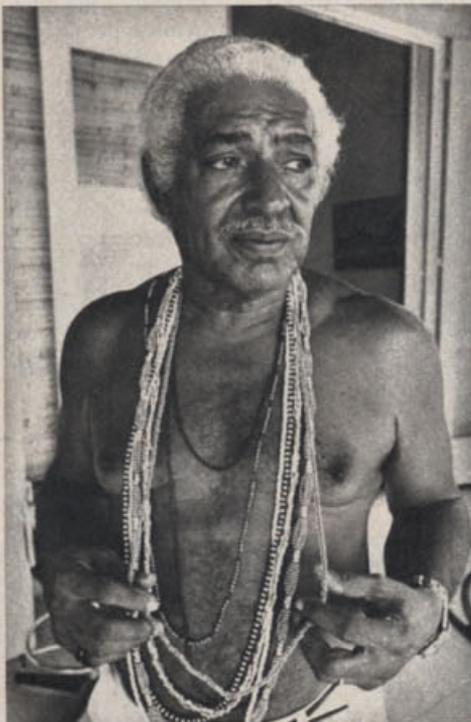
Hoje o candomblé é abençoado pelas autoridades — toda a comitiva do ex-presidente Medici, por exemplo, compareceu ao alto do Gantois, no mês passado, numa visita oficial a Salvador. Já existem pais-de-santo que alteram o calendário de festas para atender aos pedidos de agências de viagens, em troca de remunerações variadas. A consulta aos búzios, complicado jogo de adivinhação utilizado pelos verdadeiros fiéis para orientar questões pessoais, aos pou-

cos se transforma em fascinante passatempo de grã-finos em férias.

Todos querem saber "de que santo são", apenas pelo capricho de depois se apresentarem como filhos de Oxossi (o deus da caça), ou de Oxum (deusa da beleza), ou de Xangô (das tempestades), e em geral não têm a mais remota idéia do que isso pode significar. Nas festas, que quase sempre correspondem ao fecho de um ciclo secreto de atividades rituais, a maioria dos assistentes é de turistas. E quanto mais rica a coreografia, ainda que com prejuízo de autenticidade, mais concorridas as apresentações.

Ai minha mãe — Mais talvez que qualquer outra manifestação de envolvimento do candomblé pela moda, cantase ou assobia-se por toda a parte a "Oração à Mãe Menininha", composição de Dorival Caymmi. E o próprio Caymmi está agora surpreso com o êxito da música, embora contrariado — também nesse episódio, segundo ele, houve modificações inadequadas.

Apesar de pertencer à ilustre legião dos doze "obás" (misto de benemérito e zelador de uma casa de candomblé) do terreiro Axé Opo Afonjá, o compositor tem por Mãe Menininha "uma amizade muito antiga" e procurou, em sua homenagem a ela, reproduzir as batidas e os sons de um candomblé. Mas, queixase ele, houve "interpretações pessoais que sacrificaram o original". "O que Maria Bethânia fez foi uma adaptação", diz Caymmi. "Aconteceu, por exemplo, que na saudação a Oxum, que deveria ser 'iê-iê-iê-ô', ela cantou simplesmente 'êêêô'. Quanto a Gal Costa, já aprendeu errado com Bethânia."



Caymmi: o original sacrificado

Título e monumento — Consciente da exploração de seu nome, como carro-chefe da atual onda de candomblé, Mãe Menininha não se ressentiu com os detalhes não respeitados. Várias vezes sofreu a prisão, no passado, e acredita que o êxito da música de Caymmi seja benéfico. "Melhor assim", afirma, "do que se dissessem que Menininha é malvada. Pois o candomblé, com seus mistérios, muitas vezes passa por religião do mal, quando acontece o contrário."

A descoberta de intenções benfazejas, aliás, também ajuda a explicar o cres-



Mãe Senhora: a mais respeitada

cente interesse pelos terreiros. O de Olga de Alaketu, outra mãe-de-santo muito requisitada, é particularmente inofensivo — suas festas são freqüentemente acompanhadas por quase uma dezena de crianças, muitas delas de chupeta. Para Olga, uma negra corpulenta que dança com leveza surpreendente, já se apresentou em programas de televisão e tem disco gravado, a presença de turistas é familiar. Ao contrário de Mãe Menininha, ela anda abertamente por Salvador, acostumou-se aos jatos para São Paulo e Rio e, de certo modo, assemelha-se aos ídolos da televisão, sempre à vontade no contato com desconhecidos.

Tal comportamento, embora visto com reservas pelos tradicionalistas, não chega a se caracterizar como um pecado. Pois existe o precedente de Mãe Senhora, a mais respeitada mãe-de-santo dos últimos anos, falecida em 1967. Responsável pela conversão de Jorge Amado, Caymmi, Carybé e de acatados estudiosos baianos como o etnólogo Waldeloir Rego e o psiquiatra e professor universitário Álvaro Rubin de Pinho, a severíssima Iyalorixá, conhecedora profunda dos segredos africanos, foi proclamada no Rio, em 1965, a "Mãe Preta do Brasil", numa cerimônia no Maracanazinho. No ano seguinte, seria erguido

um monumento em sua homenagem, no subúrbio de Campo Grande.

Conseqüências inevitáveis — Naturalmente, o temperamento mais acessível de Olga de Alaketu representa um passo adiante, na série de aberturas que o candomblé permitiu e que a ele foram permitidas. Olga e seu terreiro se situam entre os rigores de casas como a do Gantois, hoje em minoria, e os excessos dos chamados "candomblés de caboclos", onde já despontam palavras em português, durante as festas — em vez do sagrado



O monumento carioca à "Mãe Preta"

magô —, e se recorre cada vez mais ao curandeirismo. O desvirtuamento, a popularidade, reconhecem todos os entendidos, são conseqüências inevitáveis. Mas, garantem ainda, algum resto de pureza sempre ficará.

A própria natureza da religião é apontada como uma garantia. Por tradição, todo fiel de candomblé tem de ser católico praticante e, indiferente ao ecumenismo da Igreja, jamais admitirá a coexistência com o protestantismo e demais ramos do cristianismo. É uma ambivalência que vem desde a escravidão, quando o africano trazia seus deuses e era obrigado a aceitar também os ocidentais. E, como antes, as autoridades eclesásticas optam hoje pela tolerância.

"Este caráter mestiço e caboclo do candomblé", diz o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Avellar Brandão, "este tropicalismo espiritual que ele encerra lhe empresta notável força de atração. Como expressão religiosa, sincera e autêntica nas suas intenções, entendo que o candomblé merece respeito." Dom Avellar, entretanto, faz uma ressalva: "Se ultrapassar certos limites nascidos da ignorância, com prejuízo real para o bem coletivo, o candomblé merece as advertências que se fizerem necessárias".

Os próprios representantes do candomblé, de qualquer forma, têm suas restrições aos abusos que se cometem. "A mãe-de-santo tem um poder de vida e morte sobre os fiéis", resume Walde-loir Rego, insinuando que muitas vezes praticam-se graves perversidades. E essa é outra das reservas místicas que podem ajudar o candomblé a resistir por mais tempo ao assédio da moda.

De fato existe uma relação pessoal, direta, entre o santo, ou orixá, e os mortais. Um filho de Oxalá, o deus supremo, apresentado sob a forma de Senhor do Bonfim, nunca pode desrespeitá-lo, sob pena de jamais recuperar as graças de seu protetor. Da mesma forma, o filho de Exu, mensageiro que tanto pode praticar o bem como o mal, também deverá proceder com a máxima correção. Interesseiro e venal — e por isso erroneamente visto como Satanás —, Exu não admite que seu protegido, por exemplo, coma de certas comidas, que ele considera exclusivamente suas.

A travessia do deserto — Ao contrário da capoeira, basicamente uma forma de luta trazida da África, o candomblé tem ainda outros suportes sólidos. Sua história sagrada, ou conjunto de lendas, às vezes tem pontos de semelhança com a mitologia grega ou com os fundamentos do cristianismo. Assim como Zeus e Cristo devem respeito a divindades maiores, também Oxalá se submete a Olo-

rum, uma entidade comparável a Cronos e Deus Pai. A humanização dos orixás, semelhante à dos deuses da Grécia, acarreta igualmente uma infinidade de disputas.

A faceira e perfumada Oxum, por exemplo, era casada com Oxossi, o caçador. Mas se apaixonou pelo valente irmão do marido, Xangô. Rejeitada pelo cunhado, preparou um poção mágica, de forte conteúdo afrodisíaco, e misturou-a à sua comida. Incapaz de resistir à droga, Xangô se entrega a Oxum e desde então sofre a ira de Oxossi. Acontece que Xangô tinha outra mulher, Obá, deusa de temperamento caseiro, que não conseguia excitar o marido. Enganada por Oxum, a quem pedira instruções sobre os segredos da sedução, ela corta a própria orelha e coloca-a na comida de Xangô, cujo desinteresse pela esposa se transforma em ódio. As conseqüências dessa novela se refletem nos terreiros onde Xangô e Oxossi duelam, sempre que "baixam" na mesma hora, e Obá (representada nas danças como uma mulher que esconde a orelha com a mão ou o leque) troca ofensas com Oxum (representada como sensual e vaidosa).

Há mais desencontros, paixões e peculiaridades enriquecendo o painel do candomblé. Oxalá, casado com Iemanjá, pode dispensá-la na procriação, utilizando-se de seus altíssimos poderes para se bastar graças a uma espécie de hermafroditismo. E mais ainda: tanto pode "baixar" velho, quando tem o nome de Oxalufan, como jovem, recebendo então o nome de Oxagiyan. Xangô, por sua vez, tem doze formas e nomes distintos. Pode ser o velho Ayrá, que carregou todo o tesouro de Oxalá, quando este saiu da Arábia e atravessou o deserto para fundar o reino Iorubá (Nigéria). Ou o moço Haganju, de funções idênticas à de Exu, e, nesse caso, tem o

coração fora do corpo, na ponta de uma lança, como sinal de sua frieza.

A serpente do Gantois — Se garante sua sobrevivência, a estrutura do candomblé também abrange características que podem apressar o seu desenvolvimento. As origens e os temperamentos dos orixás nunca foram descritos em texto algum. E o tênue elo da tradição oral também pesa sobre os ritos, de tal modo que estudiosos como Walde-loir Rego, constantemente apontado como autoridade maior em candomblé, não se arrisca a considerar terminados os ensaios que já iniciou. "Seria leviandade", diz ele. "Talvez ainda haja muito que pesquisar." Os milhares de combinações do jogo de búzios, da mesma forma, não têm um código. São oito búzios "machos" (mais largos) e oito "fêmeas", que podem cair "para cima" ou "para baixo" e em qualquer direção. Conforme a disposição formada, o significado varia — e tudo isso está guardado em cabeças de pais e mães-de-santo ou iniciados de grande paciência e perseverança. E a adivinhação se torna ainda mais difícil porque dela participam os próprios orixás, além da mãe (ou pai)-de-santo e do fiel. Com outro agravante: às vezes o santo erra, em seus enunciados, devendo ser invocado novamente até acertar. Existe, ainda, a possibilidade de o santo não ter vontade de fornecer a informação desejada ou a resposta correta.

Reservados a uma minoria minguante, esses segredos vão confundindo mentes menos preparadas de seguidores menores. A imensa gameleira que sombreia a casa branca onde funciona o terreiro de Mãe Menininha, por exemplo, está carregada de mistérios obviamente inventados e heréticos. Todo candomblé, por preceito, deve ficar próximo de uma árvore, de onde tirará sua força. Como



Crendice: a jaqueira-gameleira



A casa, no alto do Gantois, onde funciona o terreiro de Mãe Menininha

FOTOS DE JOSÉ MARTINS

não se divulgam as explicações de tal poder, as crianças e mesmo alguns adultos que transitam pelo Gantois contam que aquela árvore, ao ser plantada, era uma jaqueira. Modificou-se, na medida em que foi crescendo e, agora, "ninguém consegue subir nela". Sempre, segundo essas invenções, uma feroz serpente habita a copa da jaqueira-gameleira e "quem tenta subir fica louco".

Campo de trabalho — Exuberante mas vulnerável, secreto mas hospitaleiro, era natural que o candomblé fosse atingido. Mas, se o interesse em frequentar terreiros aumenta, os interessados em aprofundar conhecimentos diminuem. Proliferam, assim, os semi-entendidos nas superficialidades. Um número crescente de pessoas se considera filhos de santo, porque alguém lhes deu informação e formação erradas, quando nem sequer são abiyans, ou iniciantes, o primeiro degrau do candomblé (em ordem ascendente, seguem: iyawô, ou noviço; ebami, o que já tem sete anos de seita; e pai pequeno — ou mãe pequena — logo abaixo de pai ou mãe-de-santo.

Os enganados e os falseadores, expostos aos fluidos favoráveis da moda, ou se aproveitando deles, aparecem até em Salvador. Na semana passada, deveriam reunir-se os representantes dos 35 terreiros mais respeitados, para a criação de um Culto Afro-brasileiro. Compareceram quinze. Os demais preferiram não se comprometer, já que o idealizador do encontro, segundo as desconfianças gerais, está mais interessado em ganhar importância junto a um dos apontados como provável governador da Bahia. Em São Paulo, ao mesmo tempo, se anuncia a coroação de um "Rei do Candomblé", que seria filho de santo iniciado por Mãe Menininha — quando pessoas ligadas a ela dizem desconhecer por completo o futuro soberano. Na televisão, a cantora Clara Nunes faz questão de lembrar sempre sua condição de filha de santo, iniciada por Pai Edu, o controvertido protetor dos times de futebol pernambucanos. E a cantora Elza Soares, mesmo negando qualquer ligação com o candomblé, veste-se como filha de santo porque "acha bonito".

Já entre as pessoas realmente credenciadas para seguir os ritos e zelar pelos orixás do candomblé, generaliza-se o desinteresse. Uma das filhas de Olga de Alaketu queixa-se de que a função religiosa da mãe perturbou-lhe os estudos. Formou-se em contabilidade no ano passado, mas, por causa das obrigações religiosas, não pôde fazer o vestibular de economia. Suas esperanças e seus sonhos, hoje, limitam-se a ingressar em alguma faculdade de São Paulo, onde "o campo de trabalho é maior". Do candomblé, só quer distância.



O festival: gente séria na platéia...

Budismo brasileiro

O clima sugeria um animado happening tropicalista. No grande palco do Parque Anhembi, em São Paulo, índios com feições orientais esbarravam num Pedro Álvares Cabral que não dissimulava sua origem nipônica. Em sucessivos quadros de dança, foi feita a louvação tanto da princesa Isabel (com os cabelos cuidadosamente oxigenados e cercada por solícitos escravos amarelos) como do desenvolvimento industrial brasileiro, culminando com a aparição de uma óvia escola de samba. Mas nem mesmo o passo em falso do bailarino principal de um dos quadros alterou o comportamento dos 12 000 espectadores, que durante todo o tempo aplaudiram educadamente os esforçados atores do 3.º Festival Cultural da Paz, promovido nos dias 16 e 17 pela seita budista Nitiren Shoshu.

Nem poderia ser diferente. Afinal, quase todos os 870 artistas eram amadores precariamente amparados por uma verba de 150 000 cruzeiros reunida pela seita — e entre a platéia apenas duzentas pessoas não eram budistas. "Os festivais culturais não têm conotações religiosas muito profundas", explica Nelson Honda, 36 anos, um ascético dirigente da seita. "Mas esta nossa alegria", ressalva, "evidencia a força vital que a prática do budismo dá a seus seguidores." De fato, nem a chuva fina e fria que voltou à fisionomia paulistana na semana passada conseguiu abalar o entusiasmo dos participantes do encontro.

Doença e vestibular — Atrelado ao tema "Brasil, Terra da Esperança", o festival procurou homenagear, segundo seus organizadores, um país que só perde, em número de adeptos (25 000 famílias), para o Japão (7 milhões de famílias) e os Estados Unidos (100 000) — isso apesar de a seita haver chegado ao Brasil há somente quinze anos. "A Nitiren Shoshu", informa Honda, "foi fundada no Japão em 1930 e é uma das 30 000 ramificações do budismo."



... e índios-japoneses no palco

Ele mesmo faz questão de esclarecer, entretanto, que as fronteiras entre a maioria de suas ramificações são quase imperceptíveis. "No fundo", diz, "todas aceitam sem restrições o principal mandamento do budismo: devotar a vida a uma causa nobre." E também professam a tese segundo a qual a felicidade ou infelicidade de um indivíduo depende de acertos e erros cometidos em vidas passadas — o que transforma uma existência na purificadora preparação para os próximos retornos a este mundo.

Para alguns dos seus seguidores, no entanto, a filiação à Nitiren Shoshu é também capaz de eliminar incômodos tormentos terrenos. O promotor público Carlos Kaimoto, por exemplo, aproveitou os intervalos do festival para comunicar a dezenas de curiosos interlocutores sua singular receita pessoal. "Basta recitar e praticar", diz ele, "os preceitos do Gohonzon" — um pergaminho que sintetiza os preceitos formulados por Buda há 3 000 anos. E Kaimoto conclui: "Isso permite que se encontre a energia vital cósmica capaz de garantir tanto a cura de doenças como a aprovação nos vestibulares das universidades".